

Santo de Assis, divino "poverello",
 Nas amarguras do meu pesadelo
 De vaidade do mundo que devasta
 Todo o bem, vi tua luz singela e casta
 Beijando as minhas lepras asquerosas...
 Uma chuva de lyrios e de rosas
 Lavou-me o coração de peccador
 E guardei, para sempre, o teu amor.
 Santo de Assis, Irmão da Caridade,
 Que me curaste as lepras e a cegueira,
 Depois da morte, á luz da Immensidade,
 Quero ainda abençoar-te a vida inteira...

BIBLIOTECA JOSÉ HERMÍNIO PERÁCIO
 CENTRO ESPIRITA MEIMEI
 PEDRO LEOPOLDO — M. G.

O DOCE MISSIONARIO

Sertão hostil. Agreste serraania.
 Tendo por companhia
 A cruz do Nazareno, humilde e solitario,
 Ali vivia Anchieta, o doce missionario,
 Carinhoso pastor, espelho de bondade,
 Abençoando o bem, perdoando a maldade,
 Servo amado de Deus, imitador de Assis,
 Que na humildade achara a vida mais feliz.

N'aquelle dia,
 Era intenso o calor.
 Ninguém. Nem uma sombra se movia.
 Tudo era languidez, desanimo e torpor.

Além se divisava a solidão da estrada,
 Amarela de pó, tristonha e desolada.
 Na clareira, onde o sol feria os vegetaes,
 Viam-se florescer bromelias e boninas
 E, elevando-se aos céus, esguios espinhaes,
 Implorando piedade ás amplidões divinas...

Eis que o irmão de Jesus, o humilde pegureiro
 Avista um mensageiro.
 Dirige-se-lhe á casa,
 Pisando vagaroso o chão que o sol abrasa.

— “Meu protector, diz elle: o bom pagé,
 Convertido por vós á luz da vossa fé,
 Que tem offerecido a Deus o seu amor,
 Agoniza na taba, ao longe, em afflicção
 Elle espera de vós a paz do coração
 E implora lhe leveis a benção do Senhor”.

— :Oh! doce filho meu, que vindes de passagem,
 Que Jesus vos ampare ao termo da viagem...”

E, isso dizendo, o pastor, prestamente,
 Toma da humilde cruz do Martyr do Calvario,
 Abandonando o ninho agreste e solitario,
 Para arrancar da dor o pobre penitente.
 Ha solidão na estrada,
 Ferem-lhe os pés as pontas dos espinhos.
 Que penosa jornada,
 Em tão rudes e asperrimos caminhos!...
 Pairam no ar excessos de calor
 Nem arvores com sombras e nem fontes,
 Somente o sol ferino destruidor,
 Que calcina, inflamando os horizontes.
 Eis que a sêde o devora;
 Entretanto, o pastor não se deplora;

A terna e meiga effigie de Jesus,
 E'-lhe paz e alimento, amparo e luz.

Numa férvida prece,
 Elle ainda agradece:

— “Sé bendito, Senhor, por tudo o que nos dás,
 Seja alegria ou dor, tudo é ventura e paz.

Eu vejo-te no alvor das manhãs harmoniosas,
 No azulino do céu, no calice das rosas,
 Na corola de luz de todas as florinhas,
 No canto, todo amor, das meigas avezinhas,
 Na estação outonal, na loura primavera,
 No coração do bom, que te ama e te venera,
 Nas vibrações dos sons, na irradiação da luz,
 Na dor, no soffrimento, em nossa propria cruz...
 Tudo vive a mostrar tua pródiga bondade,
 Eterno Pai de amor, de luz e caridade.
 Abençoados são o inverno que traz frio
 E os calores do sol nas estações do estio...”

Terminando a sorrir a expontanea oração,
 Inspirada na fé de santa devoção,
 Anchieta escuta em torno os mais subteis rumores,

Eis que nos arredores,
 Congregam-se apressadas
 Todas as avezinhas

E, asas aconchegadas,
Juntinhas,
Numa ideal combinação
Formam um palio protector,
Cobrando o doce irmão
Que ia offertar amor,
Luz e consolação,
Em nome do Senhor.

Pelos caminhos,
Foi-se augmentando
O meigo bando
Dos bondosos e ternos passarinhos,
Aureolando com amor o Discípulo Amado,
Modesto, casto, humilde e isento de peccado,
Que ia seguindo,
Labios sorrindo,
Em meiga mansuetude.
O enviado do bem e da virtude
Agradecia ao céu, o coração em luz,
Evolando-se puro ao seio de Jesus.

Chegara ao seu destino. Ia cahindo o dia...
No poente de paz e de harmonia,
Brilhava nova luz, feita de crença e amor:
Era a benção dos céus, a benção do Senhor...

O MONSTRO

ANTHERO DO QUENTAL

Vi um Monstro pairando sobre a Terra,
Como um côrvo de garras infinitas,
Cobrindo multidões tristes e afflictas:
Visão de luto e lagrimas que aterra!

Vi-o de valle em valle, serra em serra
E disse: — “Quem és tu que abres e excitas
Os pavores e as coleras malditas?”
E o Monstro respondeu: — “Eu sou a Guerra!

Não ha forças no mundo que me domem
Sou o retrato fiel do proprio homem,
Que destróe, lucha e mata e vocifera!

Venho das trevas densas da voragem,
Dos abysmos de dor e de carnagem
Para mostrar ao homem que elle é fera!